



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia em homenagem ao Vice-Presidente da República, José Alencar  
Montes Claros-MG, 06 de abril de 2009**

Eu quero cumprimentar o nosso querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República,

Cumprimentar o nosso companheiro governador de Minas Gerais, Aécio Neves,

Cumprimentar todos os companheiros ministros que vieram comigo, são muitos, mas cumprimentando a companheira Dilma Rousseff, estarei cumprimentando todos os ministros que me acompanham aqui,

Quero cumprimentar o nosso companheiro presidente da Assembléia Legislativa de Minas Gerais,

Quero cumprimentar meus companheiros governadores do Nordeste que vieram aqui, todos, participar desta reunião da Sudene,

Quero cumprimentar dom José Alberto Moura, reverendíssimo Arcebispo Metropolitano de Montes Claros,

E cumprimentar dom Geraldo Majela de Castro, reverendíssimo Arcebispo Emérito de Montes Claros, também,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Celso Cota, presidente da Associação dos Municípios Mineiros, que me entregou um documento com algumas reivindicações dos prefeitos, e que logo, logo, iremos dar resposta,

Quero cumprimentar o prefeito de Montes Claros,

Quero cumprimentar o presidente da Câmara,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Paulo Fontana, superintendente da Sudene, que completa 50 anos.

Quero cumprimentar a senhora Maristela Kubitschek, que tanto nos honra com a sua presença nesta homenagem de 50 anos da Sudene,



Quero cumprimentar cada companheiro que está aqui, cada companheira,

Os companheiros da imprensa, que vão fechar os seus jornais mais tarde. Ou, se não der para fazer uma boa notícia hoje, façam uma ótima amanhã sobre este evento de Montes Claros. Afinal de contas, não é em todo momento na história deste país que uma cidade recebe uma quantidade de governadores, o Governador do estado, mais o Vice-Presidente da República, mais o Presidente. Vieram mais ministros aqui do que na reunião do Ministério, quando eu convoco. Uma coisa...

Antigamente os ministros gostavam muito de ir para Paris, viajar pelo interior do Brasil era mais difícil. Agora, as pessoas estão se habituando que faz parte, para conquistar uma viagem a Paris, a Nova Iorque, a Londres, fazer uma viagenzinha a Montes Claros, a outras cidades do interior do Brasil. Obviamente que os ministros têm viajado muito porque nós temos uma programação muito grande de obras e a gente tem que viajar porque é preciso não só acompanhá-las, mas inaugurá-las. Você, de vez em quando, inaugura obra que ninguém fala nem quem é que fez a obra. Então, acompanhar para que a gente possa inaugurar e o povo saber.

Mas o dia especial hoje é essa homenagem que nós fizemos aqui – três personalidades. Hoje de manhã, nós inauguramos uma usina de biodiesel, e nós demos o nome a ela de usina de biodiesel Darcy Ribeiro. Não poderia a Petrobras ter encontrado um mineiro de Montes Claros mais ilustre para ser homenageado. Eu confesso a vocês que uma coisa que eu admirava no Darcy Ribeiro era a irreverência do Darcy Ribeiro. Eu gostaria que todos os políticos, mais do que a sabedoria do nosso Darcy Ribeiro, tivessem a coragem, a finesse política com que ele fazia as coisas, que para um político conservador parecia normal. Para ele, o normal era ser anormal, nos momentos mais difíceis. Foi uma justa homenagem da Petrobras.



E essa homenagem ao nosso querido Juscelino, por conta dos 50 anos. Às vezes, Maristela, eu fico pensando como a vida é ingrata. A coisa melhor do mundo é a vida mas, às vezes, ela nos causa ingratidões que somente o tempo se encarrega de fazer com que essa ingratidão desapareça. Hoje, todo mundo no Brasil reconhece a grandeza que o nosso querido Juscelino teve antes, durante e depois que passou pela Prefeitura de Belo Horizonte, pelo governo de Minas e, depois, pela Presidência da República. Mas é importante lembrar que ele passou algumas décadas no esquecimento, ou melhor, quase exilado do direito de fazer política neste país.

Aconteceu uma coisa comigo, Maristela, que eu vou contar porque é muito marcante a sua presença aqui. Durante a campanha de 2006, eu gravei um programa de televisão com um jornalista muito importante. E na gravação daquele programa, ele me fez uma pergunta sobre a série que estava passando, do JK, na televisão. Eu disse a ele: eu só espero que aquela série que está passando sobre o JK não esconda o que aconteceu com o JK na política brasileira, dentro do Congresso Nacional, porque poucos homens neste país foram atacados de forma violenta como foi JK, pouca gente. A juventude, possivelmente, não se lembre disso, mas os mais velhos têm obrigação de se lembrar o que o Carlos Lacerda fazia com o Juscelino Kubitschek, dentro do Congresso Nacional.

Eu tinha certeza absoluta, Maristela, de que na hora em que o povo assistisse aquelas cenas dos deputados fazendo desaforo para o Juscelino Kubitschek, chamando-o dos nomes que eu não quero nem falar aqui, eu dizia: o povo vai compreender o que está acontecendo no Brasil, com as acusações de que eu estava sendo vítima. Eu tinha clareza de que o povo iria perceber que havia quase uma repetição histórica. O Getúlio, que governou com pulso firme durante 15 anos, em quatro anos de democracia não agüentou as provocações e o achincalhamento que fizeram contra ele, e foi ao suicídio.

O Juscelino teve mais paciência. O Juscelino, quando todas as pessoas



pensavam que ele ia tomar uma atitude violenta contra os seus agressores, é que o Juscelino crescia na política, muitas vezes perdendo os seus agressores, muitas vezes. Eu dizia: não pensem que o povo se engana, é preciso apenas o povo ver. E levou uns 40 anos para que as pessoas pudessem voltar a sentir orgulho de saber que o Juscelino Kubitschek foi o grande homem público que ele representou no Brasil, desde a sua entrada na política brasileira.

O outro homenageado é o José Alencar. Graças a Deus que você está “vivo da silva”, já provado e aprovado em três operações, essa última de 18 horas, para que você ouvisse as palavras do Aécio, as palavras dos governadores na reunião da Sudene, as palavras de tantas pessoas te homenageando em vida, porque quando a gente está na beira do caixão, todo mundo... Morto, todo mundo é bom. Agora, o que é prazeroso é ouvir os elogios que você ouviu aqui, vivo, na frente dos seus filhos, para que a gente possa saber o tipo de homem que nós estamos homenageando. Muitas vezes, o Brasil não é justo com os seus políticos de renome. Muitas vezes, a ingratidão...

Eu me lembro que fui procurar o José Alencar em um dia de ingratidão. Eu fui procurar o José Alencar... Vocês sabem que eu ficava no hotel do José Alencar, o Hotel Wembley. Me falavam assim: “O Lula, quando vem a Belo Horizonte fica em um tal de Wembley”, que era um hotel três estrelas, mas tinha umas dez estrelas de carinho, porque aquele pessoal, Zé, eu não te conhecia, mas aquele pessoal me tratava bem, os funcionários me tratavam muito bem. Aí, quando foi um dia, me disseram: “Isso aqui é do senador José Alencar”. Eu falei: eu acho que vou ser tratado melhor. Um belo dia, tivemos uma conversa com José Alencar e passei a utilizar a suíte do José Alencar. Já nem pagava mais, chegava lá: “O José Alencar não está aí, está a suíte presidencial aí...”. É brincadeira, mas é porque eu conheci este homem por dentro.



Eu acho que a homenagem que você recebe hoje, Zé, é uma coisa importante, porque nós não temos muitas reservas morais, nós não temos muitas reservas éticas na história dos (incompreensível). Às vezes, os que nós temos, nós fazemos questão de torná-los uma figura secundária.

Por isso é que eu acho que esse gesto de te homenagear é grandioso, da parte do governador de Minas, da parte da Sudene, porque eu acho que tem poucas pessoas no Brasil que têm dimensão da grandeza do José Alencar, poucas.

Possivelmente, o Zé tenha entrado na política tarde. Possivelmente ele, primeiro, quis cuidar da Coteminas, fazer a Coteminas ser o que é, depois ele quis fazer o filho dele se formar e fazer pós-graduação, casar todos os filhos, todas as filhas, ver os netos na frente. Ele falou: “Agora eu não tenho mais nada para fazer, vou entrar na política”.

Eu cheguei ao José Alencar em um dia daqueles, tristes. Ele tinha disputado uma prévia no PMDB, para ser presidente do Senado. Ele estava com um otimismo imenso e só teve o voto dele, só teve o voto dele. Solidão partidária, chama-se isso, solidão partidária. Mas eu tinha conhecido o José Alencar antes. Todo mundo sabe, o José Alencar, quando fala, ele fala que o vice é uma coisa insignificante. Não é não, depende do vice. Todo mundo aqui sabe que eu tinha perdido três eleições. Todo mundo aqui sabe que eu tinha um problema, que era um bloqueio de uma parte da sociedade, que me aceitava até um certo ponto, mas depois tinha um bloqueio de votar em um torneio mecânico, em um metalúrgico, para presidente da República.

Veja o que é o destino. Eu não conhecia o José Alencar, ouvia falar de um homem, que eu ficava no hotel dele, em Minas Gerais, em Belo Horizonte, e um belo dia eu sou convidado para ir a uma comemoração de 50 anos da vida empresarial do José Alencar. Eu fiquei pensando: Mas eu vou? Eu vou a uma festa de um grande empresário? Será que vou a uma festa da grande burguesia mineira? O que eu ganho com isso? O que eu não ganho com isso e



tal... Aí o companheiro José Dirceu falou: “Lula, é importante a gente ir porque o José Alencar tem sido um parceiro”. Aí, eu peguei, fui. Cheguei lá, estavam todos os governadores do Nordeste daquela época, da Paraíba, do Rio Grande do Norte, de Santa Catarina e outros governadores, muita gente, muitos convidados, muita gente do outro lado, muita gente do nosso lado, muita gente neutra. Eu estava ali, um pouco me sentindo bem, um pouco não me sentindo bem, não sei se foi o Adriano que foi perguntar se eu queria falar. Eu falei: eu não vou falar, não sei o que vou falar aqui. Em uma festa dessa *finesse*, só gente graduada. Eu falei: o que um bagrinho vai falar em uma festa de jaú? Não vou falar.

Bem, aí, a festa vai embora, José Alencar vai fazer um discurso. Eu quero dizer para vocês que na hora em que o José Alencar começou a contar a vida dele e na hora em que ele terminou o discurso, eu falei: encontrei o vice-presidente de que eu preciso para ganhar as eleições deste país. Eu não esqueço nunca. Aí eu fui ao Congresso, nesse dia em que ele tinha sido derrotado, falar para ele: Companheiro, Zé, você não pode ficar no PMDB, você tem que sair do partido para poder ser meu vice. E ele saiu, entrou no PR. Aí, Aécio, foi duro, porque nós fomos lá para a convenção do PT, uma festa enorme no Anhembi, muita gente, muita gente. Não é que na hora em que chamaram o José Alencar para falar, algumas pessoas começaram a vaiar o José Alencar! Vocês imaginem: eu, com um baita de um orgulho de ter conseguido ele para ser meu vice, e alguns companheiros do PT foram vaiá-lo. Aí, a segunda lição de vida: José Alencar não falou uma palavra contra aquela molecada. Não sei se o Zezéu estava vaiando o José Alencar, ou o Waldir Pinheiro... Deviam estar lá, vaiando o José Alencar.

O dado concreto é que o José Alencar olhou para aquela molecada e falou o seguinte: “Olhem, quando eu tinha a idade de vocês, eu já tinha me emancipado, eu já tinha dormido em banco de praça, eu já tinha dormido em corredor de hotel, em Caratinga, eu já estava com a minha loja. Portanto, muito



antes de vocês quererem me julgar, eu vou ser julgado pela minha história e pela minha vida”.

Eu achei aquilo extraordinário, e passei a utilizar o companheiro José Alencar... A gente não anda muito junto, a gente sempre anda um pouco separado e agora, como Presidente, a gente mais não pode andar junto. Eu ando em um avião e ele anda em outro, porque não pode cair e os dois... Não tem Deus para dois. Deus é só para um, então tem que estar separado para ver quem é o escolhido para viver por muito tempo. Eu acho que ele já está escolhido, porque quem agüentou o tanto de operações que ele agüenta... Eu não agüento uma dor de dente.

Pois bem, o que me causava impressão – e aqui é um depoimento, companheiros governadores –, não sei se ele foi na Bahia, não sei se ele foi em Sergipe, no Piauí, o dado concreto era o seguinte: o pessoal mais à esquerda, mais exigente, aqueles que menos queriam que o José Alencar fosse o meu vice, foram os que começaram a fazer convite para o José Alencar ir fazer comício no estado deles, para conversar com os empresários.

Eu assisti a muitos comícios do José Alencar. Eu duvido que alguém fosse mais convincente do que o José Alencar. Não tinha rebuscação, sofisticação, era a história de vida dele. Era a história de vida que era a peça principal. Eu acho, viu, Josué, você que está aqui ouvindo, Josué, é preciso começar a preparar... a contar essas histórias. A gente começa a contar as histórias enquanto as pessoas estão podendo falar, para a gente gravar, para a gente filmar, e isso vai servindo para a gente ir montando um pouco da história deste país.

Então eu queria, José Alencar, dizer para você, porque nós ainda temos um ano e meio de mandato, temos muita coisa... mais de um ano e meio ainda, nós temos coisas para fazer, muita coisa pela frente, e vamos fazer. Mas eu queria te dizer que eu não sei quantos presidentes da República já tivemos no Brasil ou quantos virão depois de nós. Eu não sei se algum terá a felicidade de



ter um vice da qualidade que eu tive, com você na Vice-Presidência.

Nunca perdi um minuto de sono por estar viajando e o José Alencar assumir a Presidência, nunca, porque a minha confiança e a minha tranquilidade sobre o companheirismo dele e a lealdade é total e absoluta. Eu costumava dizer no Sindicato de São Bernardo para a companheirada, eu dizia o seguinte: nem todo irmão é um grande companheiro, porque está cheio de nós aqui que não nos damos com os irmãos. Então eu dizia: nem todo irmão é um grande companheiro. Agora, todo companheiro é um grande irmão. E o José Alencar é um grande companheiro, que eu peço a Deus que outros presidentes tenham, no mínimo, uma pessoa com metade das qualidades dele, que nós já teremos um grande vice-presidente da República neste país.

José Alencar, meus parabéns e meus agradecimentos por tudo o que você tem feito neste país. Eu acho – eu falei de gravar – importante a gente começar a preparar, Zé, a contagem da sua história. Não é para a política, não. É que eu acho que tem muitos jovens, muita menina e muito menino, que precisam saber que se você tiver perseverança, se você não se acovardar nunca, se você estiver disposto a vencer... Eu pergunto: como é que pode? Dois analfabetos, um de Minas, um de Pernambuco, como é que pode um grande empresário e um sindicalista se juntarem para ganhar as eleições e construir a parceria que nós construímos? É a mesma coisa que Tostão e Dirceu Lopes ou Pelé e Coutinho, ou seja, nós jogamos por tabela. Ele não precisa saber onde eu estou porque a bola vai ao lugar certo. Eu não preciso saber onde ele está porque a bola vai ao lugar certo. E, com isso, quem ganha é o nosso querido Brasil.

Portanto, José Alencar, que Deus te dê pelo menos mais uns 20 anos de vida, ou 30, porque as campanhas que você tem pela frente vão exigir muita saúde.

Um abraço, meu querido.

(\$211A)



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---